

DOSSIÊ: CENTRO POPULAR DE CULTURA

Nº 212

Top 24

PERÍODO: 1963, 1964

(75 PÁGS)

REVISADO em 12/08/2004

laipid

24 7 2007

Nº

00717



ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

DOCUMENTOS/INFORMAÇÕES REFERENTES À:

CENGRO POPULAR
DE CURITIBA

24 7 2007

«—————»
Serviço Social da Indústria, através do Serviço de Teatro e Cinema, apresentou ontem na Sociedade Operária Beneficente Primavera o «Teatro de Bonecas Dadá». A promoção foi muito bem recebida pela classe trabalhadora.

2 jun 69

Tribuna do Paraná



24 7 2007

JORNAL Correio de Notícias
Cidade: Teatro Guaíra
Data: 28/08/79 Curitiba PR



Secretaria de Segurança Pública
DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

Estado do Paraná

SECCÃO DE INFORMAÇÕES



NOME: _____
FILIAÇÃO: _____
PROFISSÃO: _____
RESIDÊNCIA: _____

2002 2 42

Povo pediu anistia e teatro do povo

SOB o coro de "Abaixo a Ditadura, Teatro é Cultura" e "O povo, unido, jamais será vencido", mais de 100 pessoas reuniram-se no domingo em frente ao Teatro Guaíra, logo após o término do último show do compositor Milton Nascimento, que lotou a casa. O grupo, logo aumentado pelos que deixavam o espetáculo, se manifestava contra os preços altos que a Fundação Teatro Guaíra cobrou (Cr\$ 300; 200; 150 e 100,00), apesar do público de Milton Nascimento se constituir quase que exclusivamente de estudantes; e pela aprovação do projeto de anistia restrita pelo Congresso Nacional.

Com faixas e muita empolgação, apesar do grande número de soldados do Batalhão de Choque e da Polícia Militar presentes, os manifestantes permaneceram por alguns

minutos defronte ao Guaíra, seguindo depois pela rua XV de Novembro, parando em frente ao Hotel Mabú e depois se dirigindo ao centro da cidade. As críticas aos altos preços que estão sendo cobrados pelos espetáculos que vêm sendo apresentados, quase inatingíveis pela classe estudantil, que caracteriza Curitiba (cidade-universitária). Aumentam a cada dia. Quanto à anistia, já durante o show, em momentos de silêncio, houve quem gritasse por ela, conseguindo alguma manifestação por parte do público presente.

O fato mais interessante é que as próprias pessoas que pagaram os ingressos para assistir a Milton Nascimento, vendo a manifestação, passaram a participar dela, reclamando pelos preços que já haviam pago. Até o grupo se dirigir ao centro, não havia sido registrada nenhuma prisão, mas o aparato policial continuou vigiando o grupo enquanto durou a manifestação.



Salário único aos mes

EUNIDOS em Assembleia Geral Extraordinária...

zendo levantamento de dados desde 1969 até 1979, dos valo...

minimo, pois se fosse para acompanhar o custo de vida, o...

como assistência social...

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

ONDE SE VÊ COMO A UNIVERSIDADE
CAPRICHÁ NO SUBDESENVOLVIMENTO.

SEM A COLABORAÇÃO DA UNIVERSIDADE
ESSA PEÇA JAMAIS PODERIA TER SIDO
ESCRITA.

EQUIPE DE REDAÇÃO DO CPC DA UNE
ADAPTADA PELO CPC DO PARANÁ

2002 1 42

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

AUTO DOS 99%

ONDE SE VÊ COMO A UNIVERSIDADE
CAPRICHA NO SUBDESENVOLVIMENTO.

SEM A COLABORAÇÃO DA UNIVERSIDADE
ESSA PEÇA JAMAIS PODERIA TER SIDO
ESCRITA.

EQUIPE DE REDAÇÃO DO CPC DA UNE
ADAPTADA PELO CPC DO PARANÁ

24 7 2007

VOZ -

Tudo era silêncio na imensa terra verde, debruçada no céu a convidar os homens à humanidade. Terra verde a prometer futuro. Tudo era silêncio. Verdade que os rios cascalhavam um murmúrio eterno, os passarinhos pipilavam facetos, as árvores gemiam sua imobilidade no ouvido dos ventos. Mas água cascalhando, passarinho pipilando e árvore gemendo, não quebram silêncio em prólogo de peça embuído de doce e nacional lirismo. Portanto, tudo era silêncio... Água. Ah!, enxurradas de água, despotismo de água, impérios de água, a prometer um povo limpo cheiroso e macio, naquela época havia água. É incontestável. Inúmeros documentos provam a existência de água no Brasil. Imenso Brasil, gordo Brasil, sumarento Brasil, a jurar um brasileiro galomônico, cristalino, carregado de abraços e sorrisos, e calma, e paixão, e verdade. Um povo a semear verdade e riso. Mas eis que... eis que... oh, eis que então... oh, então cá chegaram os portugueses... e então... então começou o "pega pra capar", começou a nossa história do "salve-se quem puder". Começou a história do Brasil, que já foi história de todo mundo, de tudo quanto é país grande, de tudo quanto é baronete, condessa, peralvilho, mandrião que se espalharam pelos séculos. História que já foi de todos, de todos... menos do Brasil. Brasil sóco, mirrado, de costela de fora, de pires na mão. Do outro Brasil só ficou silêncio... árvore, secou... passarinho, a casa da banha vende e diz que é frango... água, lacerda escondeu... Fartura... verdura... Fartura e verdura voaram... Vamos começar da época em que tudo era verde.

(entram dois índios em cena)

ÍNDIO 1 - Índio eu dou boa caçada.

ÍNDIO 2 - Índio eu não dou boa caçada.

ÍNDIO 1 - Índio eu dividir com índio você.

ÍNDIO 2 - Meio a meio? Boa, boa, (dividem a caça. Mostra uma fruta)
Índio eu achou fruta.

ÍNDIO 1 - Índio eu não achou fruta.

ÍNDIO 2 - Rachar, rachar. (entram mais índios. Dividem potes, comida...)

CÓRO ----- Pacapá, pacapá,
se tem muito papapá,
passa pá cá, passa pá cá.
Divide papá,
divide comida,
vida encomprida.
Tem papapá?
Passa pá cá, passa pá cá.

(Entram os portugueses. Cabral assopra uma vela que Caminha segura. Um padre. Índios recuam em círculos. Olham tudo)

CAMINHA - Ó, Cabral, tenho reparado, faz dois meses, a caravela não avança mais.

CABRAL - Não tenho deixado de perceber isso, ó Caminha, mas por muito que me ponha a matutar, não atino com a causa.

CAMINHA - (Cheira) Cá entre nós. Há dois meses que não me vem às narinas aquêlo agradável odor de maresia...

BARAL - Sabes, ó escriba? Cá entre nós: às vêzes chego a desconfiar que já estamos em cima de alguma terrinha...

CAMINHA - Vou ver isso. (ENTREGA A VELA AO PADRE) Aguentai a mão um instante, reverendíssimo. (DÁ ALGUNS PASSOS, OLHA) Pois, pois, mestre Cabral, não é que estamos mesmo em cima do Brasil?

CABRAL - Pois, pois, se cá estamos, ousó dizer que é porque cá chegamos. Se assim é, ora bolas, está descoberto o Brasil... (DANÇAM O "VIRA" E CANTAM)

- Ai, que rico - descobrimos o Brasil.
- Ai, que rico - uma terra de além-mar.
- Ai, que rico - dia 21 de abril.
- Ai, que rico - uma terrinha prá explorar.

CORO - (INDIOS) Foi seu Cabral, foi seu Cabral, no dia 21 de abril dois menses depois do carnaval. Começando a exploração nacional. E ponto final.

CAMINHA - (ESCREVENDO ANDANDO PELO PALCO) Formosa terra a nova terra, el-Rei. Muita coisa nos há de render, pôsto que é terra em que "em se plantando, tudo dá", e os nativos levam os cornos mais troucas que meus olhos já tiveram oportunidade de ver. El-Rei, acredite, é mole, é mole, el-Rei. (PÁRA E PENSA) Como vão as honorróidas, Alteza? Quero-lhe ~~o~~ bem, queira-me bom. Se essa caravela não se desviar outra vez, a estaremos para as bacanais setembrinas. Guardai-nos cortezias, Alteza. Caprichai, el-Rei, que levamos novo alento para nossas burras. Um abraço e um queijo. (A CABRAL) Vamos à vida, ó Cabral! (SAEM)

INDIO 1 - (APONTA FLEMA) Índio eu vai dar flexada no Coisa-Preta.

INDIO 2 - Coisa-Preta garantir papá prá três luas.

PADRE - Abaxare flexam que apontam ad me. Mi venito cumo amigorum. Mi venito cumo amigorum do peitum. Abaxare flexam, abaxare flexam

INDIO 1 - Coisa-Preta fala.

INDIO 2 - Tada flexa nêle.

PADRE - Venito cumo amigorum. Maneraibus, maneraibus.

CORO - (INDIOS RECUANDO) Chô, chô, Coisa-Preta. Chô, chô. (O PADRE SORRENDO. INDIO 2 DÁ UM BERRRO E CAI NO CÉU. SILENCIO)

INDIOS - (INDIO 1) Índio vai morrer. (3) Índio está morre-não-morre. (4) Foi tupa. Tupa está zangado cum Índio Coisa-Preta. Tupa castigou índio, porque índio viu Coisa-Preta. (3) Vai morrer.

CORO - Índio melhor caçador/ Índio melhor caçador/ Tem dor, tem dor/ Índio vai morrer/ Vai diminuir o que comer/

2472007

PADRE - (AVANÇA ENTRE OS INDIOS) Com licençorum, com licençorum. (AJOE-
IEM-SE AO LADO DO INDIO QUE ESTREBUÇA) (OS INDIOS CHORAM. O PA-
DRE TIRA UM ESPINHO DO PÉ DO INDIO) Essere sòmmentem um espinhoru
que entrou no pesorun delem. Está curadorum da silva.
(O INDIO PÔE-SE DE PÉ. OS INDIOS RIEM, BATEM PALMAS)

CORO - (AO PADRE) Tupã, tu és Tupã. Tu és meu, Geraldina, Tupã, Tupã.
(PADRE SORRINDO AGRADECIDO, TIRA COLARES, FENTES, ETC; DO BOLSÃO
DANDO AOS INDIOS. OS DITOS-CUJOS PULAM DE SATISFAÇÃO)
Bugiganga, bugiganga, que legal, meu, meu.
(CANTAM)

Bugigangorum; bugigangorum/ Indio quer bugiganga/ Mesmo que fi -
que de tanga. Parece que essa será a história do Brasil/ Cheia
de bugiganga/Sempre de tanga, sempre de tanga/ Cheio de bugigan-
ga/ Sempre de tanga, sempre de tanga/ Me dá, me dá, me dá.

PADRE - Se quiserem ganharibus bugigangorum, levarem vida civilisatum,
vida dignificantii de homini portuguesorum. Non essere mais sel-
vagem com vergonhorum de forae, non mais brigare, non mais anda-
de barrigorum no chão atrás de bichorum. Levarem vida civilisa-
tum. (ENTRA CABRAL EM CENA)

CABRAL - O Reverendíssimo, deixa que esse negócio de civilizar os índios
sou eu que trato, eu é que sei os macetes. (AOS INDIOS) Atenção
seus subdesenvolvidos, quem quiser ganhar bugiganga vai ter que
trabalhar cortando árvore. Quem se habilita, quem se habilita?
Bugiganga aos montes... Quem se habilita?

INDIOS - Eu, eu, eu, legal, eu topo, tô nessa,,

CABRAL - Então o negócio é começar a cortar pau-Brasil. (VÃO TIRANDO AS
FELHAS E INCONVENIÊNCIAS DOS INDIOS E JOGANDO AO CÉU. OS INDIOS FA-
ZEM INÍMICA. AO NÍVEL DE CORTAREM ÁRVORES, EMPURRAM ÁRVORES)
ah, ah, ah, muito engraçado, muito engraçado. Isso tem que ser
feito com machado. (DÁ MACHADINHA A TODOS)

INDIOS - Legal, legal. (TRABALHAM MUITO MAL COM A MACHADINHA)

CABRAL - Viva el-Rei, viva el-Rei. Mais outro para a metrópole. (DIRIGE-
-SE AO INDIO QUE TRABALHA MELHOR) Você trabalhou mais que os ou-
tros, vai ganhar mais. (DÁ PRESENTES A ELE)

INDIOS - Eu quero, eu quero também, ei, cabral, ei!!!

CABRAL - Não, não, não, não, não. Ganham mais se trabalharem mais.

INDIO 4- Quem está trabalhando é índio, tudo índio. Precisa pagar índio
um pagamento só.

CABRAL - Não senhor. Isso é onda de comunista... o eu sou um democrata.
Ganham mais se trabalharem mais: (INDIOS VOLTAM AO BATEMTO)

INDIO 2- Isso de cortar árvore deixou índio eu de saco cheio.

INDIO 3- Vamos caçar de novo.

211
10027
72007

INDIO 4- Não. Ser feio caçar. Ficar com a vergonha de fora. Depois índio ou não ganhar mais colar de Cabral.

INDIO 2- O jeito é continuar cortando árvore. (ENTRA UM PORTUGUES COM UM SACO DE FARINHA E UMA COLHER DE PAU)

PORTUG.- (A CABRAL, QUE FICOU NO CANTO DA CENA) Sou Don Fulano de Tal, da Silva e Silva, o tome Silva e lá vai Silva. El-Rei D.Manuel, o Exploradoroso, houve por bem ceder-me essas terras: sou o donatário.

CABRAL - Bemvindo, excelência. Pode botar prá jambrar, excelência. Os índios estão domesticados, são todos fãs da Rádio Nacional. (OS INDIOS ESTÃO ESFALFADOS. PARAM DE TRABALHAR E FAZEM FILA PARA RECEBER)

PORTUG - (AO 1º INDIO X) Dois troncos, uma colher de farinha. (AO OUTRO) Quatro troncos, duas colheres de farinha. (AO OUTRO) Seis troncos, três colheres de farinha.

INDIO 1 - (QUE É O ULTIMO DA FILA) oito troncos.

PORTUG.- Muito bem, muito bem. Quatro colheres de farinha.

INDIO 1- (PEGA O QUE GANHOU) Rachar, rachar. (DIVIDE COM OS COLEGAS)

CORO - Pacapá, pacapá /Se tem muito papapá/ Divide o pá/Divide o papá. (VOLTAM A TRABALHAR)

PORTUG.- (MARCANDO O RITMO PARA O TRABALHO) Um, dois, um, dois, um, dois... Fila novamente... Dois troncos, meia colher de farinha...

INDIO 2- Uma colher, uma colher.

PORTUG.- Meia colher. O preço do transporte aumentou. (AO OUTRO) Quatro troncos, uma colher de farinha. (AO OUTRO) Seis troncos, uma colher e meia de farinha.

INDIO 1- Oito troncos.

PORTUG.- Duas colheres de farinha.

INDIO 1- Quê duas!!! Quatro!

PORTUG.- Duas e olhe lá. A COFAP aumentou o preço de tudo.

INDIOS - Rachar, rachar.

INDIO 1- Índio eu não rachar. Não chegar nem pra índio eu. Não rachar.

INDIOS - Rachar, rachar.

INDIO 1- Rachar um banana. Rachar era no tempo em que índio eu era selva gem.

INDIO 2- Vamos morrer de fome.

INDIO 1- Também estou passando mal. Ainda nem comprei a última bugiganga lançada pelos portugueses. Tenho que cuidar das crianças. Minha índia está reclamando.

24 7 2007

6

INDIOS - Não vamos mais cortar árvore. Vamos caçar outra vez. Vamos caçar outra vez. (VÃO SAINDO. INDIO 1 CONTINUA CORTANDO ÁRVORE; PORTUGUES DA PRESENTES AO TROUCA) 5

PORTUG.- Façam como Clo. (APONTA INDIO 1) Tem as melhores bugigangas do país. Porque sabe trabalhar. Obedece à marcação. Vão se denar, ó nativos. Não tem mais caça. Água acabou. Nós derrubamos muita árvores, ó bocós de mola. Acabou árvore, acabou água, acabou bicho. Vão se danar, ó nudistas. É melhor trabalhar comigo, ó precurssores dos nordestinos. (INDIO 1 FICA TRABALHANDO, O DONATÁRIO, QUE NÃO PARTICIPA DESTA CENA, VAI PARA UM CANTO)

INDIO 2- (DEPOIS DE PROCURAR) Terminou caça.

INDIO 3- Terminou água. ~~Tupã~~ Bicho foi embora.

INDIO 2- Terminou água. Tupã levou água embora.

INDIO 4- O negócio é índio esperar "Aliança para o Progresso".

INDIO 2- Não adiantar. Americano não ter o que levar do índio. Assim, na base do amor, americano não ajudar ninguém.

INDIO 3- Índios ter que voltar a cortar árvore. (VOLTAM A CORTAR ÁRVORES)

INDIO 2- Não dá pé, não dá pé. (DONATÁRIO DÁ UM CHICOTE A INDIO 1)

INDIO 1- Trabalhar, índio bôbo, trabalhar. (DÁ CHICOTADAS)

INDIOS - Não bater, não bater, índio irmão. (CONTINUA A BATER)

PORTUG.- Não servem pra nada, não servem pra nada.

INDIOS - Fome, fome, farinha pra índio.

PORTUG.- (AO INDIO 1) Como é, ó Augusto Frederico Schimidt de tangas, seus amigos não trabalham?

INDIO 1- Não dá pé, excelência. Índio não é gente. Índio está por fora da civilização. (DÁ CHICOTADAS E OS INDIOS COMEÇAM A SAIR)

PORTUG.- Não dá pé. Não dá pé. Esse negócio de catequizar índios termina sempre assim. Bondade dá nisso. Gastamos um dinheirão, eles pouco produzem. A Inglaterra a nos comer as vesículas. O melhor é usar gente acostumada a ter o cangote baixo. O melhor é usar negro, que negro não é gente; desde que Deus os pintou de prôto para facilitar a distinção. Que venham os prôtos. (ENTRAM OS PRÊTOS ENBROMANDO UM "PONTO" DE MACUMBA TRISTE)

INDIO - Iunga, iunga, iunga, jô/ Iunga jô, iô, iô/ Essa vida é pra sofrer/ Trabalhando pra senhor/ Se sobrou alguma coisa, só sobrou a nossa dor/ Iunga, iunga, iunga jô/ Iunga jô, iô, iô.

(O DONATÁRIO APONTA DONATÁRIO ONDE TEM MELHORES TRABALHADORES LOCAL ONDE DEVEM TRABALHAR. NEGROS OBEDECEM E ENBROMAM ÁRVORE)

21 7 2007

INDIO 1 - Ah, ah, ah! Muito engraçado, muito engraçado. Isso tem que ser feito com machado: Vocês são uns perfeitos selvagens. Peguem aí as machadinhas. (MARCA O RITMO DE TRABALHO E DA CHICOTADAS)

PORTUG.- Mais depressa, mais depressa. Time is money. Inglês é fogo: Não brinca em serviço. Estão a nos arrancar até os bigodes. (INDIO 1 CHICOTEIA MAIS DEPRESSA E AUMENTA O RITMO)

INDIO 1 - (AUMENTA O RITMO) Trabalhem, ó selvagens.

NEGROS - chau, chau, chau, chau. (SAEM JUNTAMENTE COM O INDIO PERSEGUINDO)

(ENTRA UM CORO. DESCRIVE A LUTA (!) DE D. JOÃO VI E NAPOLEÃO, que também entram no palco. O SEGUNDO PERSEGUE O PRIMEIRO)

CORO - Lá em cima a correr vem D. João VI,
Cá em baixo a perseguir vem Napoleão. | BIS
Juntaram-se os dois para lutar
foi um "pega pra capar"
D. João VI se mandou,
Correu tanto D. João VI,
Correu tanto que só aqui parou.
E para alegrar a sua vida
Tanta coisa cá criou e mais coisa nos levou.
Criou escolas, abriu portos, ora bolas,
E até a Faculdade pros fidalgos inventou.

NAPOLEÃO- Que vouz pensez, gordinho? Je te cutuque, je te cutuque. (SAI)

D. JOÃO - Ai, ai, ai, que tenho as nádegas em fogo de tanto correr. Pois pois, já que temos de ficar nessa colônia, que se abram os portos, que se criem escolas e alfaiatarias e casas de pasto, e basta de aporrinhação. Que venham mulatas, os frangos, e o meu rico dinheirinho. (SAI. O CORO FICA)

CORO -- Seu João, ó seu João,
Depois da sua vinda aumentou a avacalhação.
E pra ficar na História,
Cobrir seu nome de glória,
Caprichou na exploração.

VOZ ----- (OS QUE FICAM SÃO CANDIDATOS A VESTIBULAR)
Finalmente, finalmente,
O primeiro vestibular,
Felizmente, felizmente,
Não vão mais nos explorar.
Vamos estudar para nos libertar.

PROF. - (ENTRANDO) Todos se saíram muito bem. As letras gordinhas, desenhadas a capricho, as provas muito bem perfumadas. Todos se saíram muito bem. Em sendo assim, será na prova de títulos que decidiremos o concurso. Por favor, queiram declinar seus títulos.

21
7
2007

ALUNO - Cidadão português.

PROF. - Pronto, passou, passou, meu filho. Já está dentro, sem choro nem voia. Ven de lá com um abraço. (ABRAÇA-ME)

VOZ - Chegando a Independência,
Virá a nossa vez,
Vai acabar a indecência
De só passar português.

(ENTRA UM CARA COM UNIFORME DE GALA, BIGODE, UM PUNTO NA MÃO.
ENTRA UM OUTRO, ENTREGA-LHE UMA CARTA, ELE LÊ, SENTADO NO DITO
CUIJO, DEPOIS FURIOSO)

HOMEM - Independência ou Morte!!! Papai!

PROF. - Patati, patatá, a Independência foi proclamada, patati, patatá,
os combou, patati, não, patatá, patatá. Sendo assim, será na pro-
va de títulos que decidiremos o concurso. Por favor, queiram de-
clinar seus títulos.

ALUNO - Barão de Caçapava.

PROF. - Barão de Caçapava? Pronto, passou meu filho, embarcou direto.
Ven de lá, barçozinho. (ABRAÇA-ME)

VOZ - Se a República chegar,
Vai acabar a sôpa do nobre,
E na hora de estudar
Vai chegar a voz do pobre.

(ENTRA UM OUTRO CARA BIGODUDO DE UNIFORME, UMA MULHER TAMBÉM)

MULHER - Não vais hoje à tertúlia?

DEODORO - Que é, Virgília?

MULHER - Não vais à tertúlia?

DEODORO - Não.

MULHER - Não vais ao sarau?

DEODORO - Não.

MULHER - Ó DEODORO, onde vais, então?

DEODORO - Vou proclamar a República.

MULHER - (ESPANTADÍSSIMA) Que é isso, Deodoro?

DEODORO - E lá sei eu! (SAI CORRENDO E LÁ-DETRÁS OUVEM-SE: VIVA A REPÚBLICA)

PROF. - Patati, patatá, a República foi proclamada, patatá, tatá. Quei-
ron de clinar seus títulos.

ALUNO - Filho do dono da fazenda Santa Eudévia do Riocho da Mãe Deusá
belada... 30.000 alqueires...

2007

PROF. - Passou, passou, meu filho. Já está dentro. Ven de lá, meu latifúndiáriozinho. Ven de lá.

CORO - Quando a máquina chegar
É o progresso precisar,
Não de anel de lata,
Não de título pra pendurar,
Mas sim de inteligência,
Que foi feita pra se usar,
Vai acabar a mamata do filho do fazendeiro,
Vai acabar por inteiro
Diploma só por dinheiro,
O Brasil vai pensar;
O Brasil vai pensar.

VOZ --- E se abrirá a Faculdade para toda a humanidade; para o Brasil e sua felicidade.

PROF. - agora, meus filhos, todos podem estudar. Todos podem entrar para a Faculdade. É o progresso, a máquina, especialistas. Todos podem fazer vestibular. Todos! (PAUSA) Todos que tiverem diploma do curso secundário. Por favor, queiram apresentar seus diplomas

ALUNO - Bacharel em Ciências e Letras e Desportos Míddos pelo ginásio Anglo-Franco-Portuga-Americano. (A PRATEIA) DEZ MIL PRATAS POR MES. Fora o lanchinho...

PROF. - Passou, passou. Ven de lá, meu bacharelote, ven de lá. (ABRAÇOS)

VOZ --- E não se abriu a Faculdade
Para toda a humanidade,
Para o Brasil e sua felicidade.

CANTO - (UM SÓ CANTOR) É então a gente viu
Hela pega até agora
Que aqui no Brasil
Fica sempre de fora
Nessa coisa estudantil
De entrar pra Faculdade
Uma parte ponderável
De nossa sociedade,
Salve, salve!

Quem é analfabeto? (CORO) 57%, 57%, 57%.
Não vai pra Faculdade.
Quem não fez ginásio? (CORO) 67%, 67%, 67%.
Não vai pra Faculdade.
Quem não fez o Científico? (CORO) 71%, 71%, 71%.
Não vai pra Faculdade.
Quem não tem dinheiro, ou vira transviado,
Também não vai pra Faculdade.
Deu...? (CORO) 99%, 99%, 99%.

VOZ --- Logo, entra pra Faculdade 1% do povo brasileiro.

CORO - Viva o 1% / Viva o 1% do povo do Brasil / E o resto, e o resto / ~~Entrar~~ Vai... ficar s.m estudar... Iner!
(ENTRA O DEBEL COM VIOLENTO SINO)

21 7 2007

BEDEL - Vai começar a aula, vai começar a aula, dentro de cinco minutos. O professor está sendo retirado do sarcófago. Vai começar a aula. Cinco minutos. (AO PÚBLICO) Terminada a fase negra do ensino no Brasil, entramos numa fase ainda mais negra do ensino no Br. (vai saindo) Olha a aula. Não precisa aprender, basta comparecer. Olha a aula. (TIRAM FINALMENTE O PROFESSOR DO SARCÓFAGO)

VOZ - Venha conhecer a Universidade
Aqui se ensina a infelicidade
Aqui se aprende a maldade
Aqui termina a humanidade.

VELHO - (COMO SE DESSE AULA) A diferença entre suicídio e homicídio é uma questão... de pontaria.

BEDEL - Olha a aula, olha a aula,
Vai haver mais uma aula.

VELHO - Quais são as causas da Segunda Guerra Mundial? Ora, não houve causas! Os japoneses atacaram de surpresa, como é que se pode saber as causas? Foi de surpresa!

BEDEL - Aqui entram os mais inteligentes;
Que daqui saem tudo, menos gente.
Não há povo no mundo que aguente
Viver sua história como indigente.

VELHO - A coisa mais importante da medicina... é o consultório.
(RETORNA AO SARCÓFAGO. ALUNO SE APROXIMA DE BEDEL)

ALUNO - E médico?

BEDEL - 200 contos.

ALUNO - 200 contos? E engenheiro?

BEDEL - 150 contos.

ALUNO - Chi! Advogado?

BEDEL - Com.

ALUNO - E... não dá. Me arranja um diploma de farmacêutico mesmo...
(OS ALUNOS SENTADOS. ENTRA UM PROFESSOR E FICA PRONTO PARA AULA)

BEDEL - Ciências sociais, ciências sociais.
O homem é a sociedade.
Sociedade é o homem quem faz.
É preciso estudar felicidade.

PROF. - Em nossa última aula fizemos um exaustivo estudo da família, célula mater da sociedade, sobre a qual repousa toda a ordem constituída. Alguns sociólogos de vanguarda admitem que ela se fre, e não raras vezes, influências do meio e da sociedade que ela própria constitui. Ora, já vemos, portanto, de início, uma contradição. Se ela é de fato a célula-mater da sociedade, como pode ser influenciada por essa? Ah, sem sermos tão radicais,

21
72007

como esses sociólogos,, adotando uma posição eclética e moderada, diremo entretanto que existem fatores que influenciam a família. Sofre influência a família, por exemplo, pelos meios de divulgação, como televisão, rádio e imprensa. Neste último particular, julgamos de incalculável importância uma clara diferenciação numa das formas de imprensa. Trata-se dos jornais, dos jornais, aos quais cumpre distinguir em dois grupos. Dois grupos, atenção (PAUSA) matutinos e vespertinos. Por matutinos entendemos jornais que saem e devem ser lidos pela manhã; por vespertinos entendemos jornais que saem e devem ser lidos pela tarde.

ALUNO - (COM AR APABERMADO) Professor, qual o papel das Edições-Extra?

PROFE. - Perguntinhas de algibeira para confundir os catedráticos... Embora isso não conste do programa mínimo estabelecido pela Reitoria de nossa Universidade, não me furtarei à resposta. As Edições-Extra apresentam uma característica muito importante. Tratam-se de jornais que trazem notícias de grande relevância, e consequentemente, produzem, sobre as famílias que os lêem, impactos de consequências imprevisíveis. (COM AR SUPERIOR) Satisfiz a muito justa curiosidade de meu jovem discípulo, complementarei esses esclarecimentos dizendo a quem se dirige os jornais: a apenas uma classe social: a dos ALFABETIZADOS. Não sei se nesses três anos de sociologia os senhores tiveram contacto com o conceito de classe social. Sem querer me aprofundar num problema que pouca magnitude apresenta para a sociologia, direi que classe social é um estado de espírito. Donde se conclui que se faz necessária cada vez mais, uma atividade espiritual junto às camadas inferiores, de modo a fazer com que o operário, através de um processo psicológico de soerguimento de sua consciência, se transforme em homem da classe média, e assim sucessivamente, até a perene felicidade da alma. Por hoje é só.

BEDEL - Aula de estatística,
Um número e outro atrás.
Vejam as cifras cabalísticas
De tudo o que o mundo faz.

PROF. - (FAZ O LABEL DE VELINHO) Como vocês já estão no último ano do curso, poderei lhes dar alguns dados estatísticos da conjuntura sócio-político-econômica do século XX, que eu compilei especialmente para os formandos. Portanto, lápis na mão e ouvido fino:

57 gols marcou Pelé no último campeonato.
999 viagens de avião fez Juscelino em seu mandato.
4 vezes casou Brigitte Bardot.
2 sargentos não receberam diplomação na Câmara, o que é muito justo. Onde se viu sargento Deputado. Isso é de Coronel pra cima. De coronel pra cima.
50 anos de existência fez a Universidade do Paraná. Da qual eu fui um dos fundadores. (PROVA DE SUA POSSIBILIZAÇÃO).
200.000.000.000 de cruzeiros de economia ao país deu a PETROBRAS em 1962. Muito pouco, muito pouco!
38 milhões de analfabetos tem o Brasil. Também, não querem estudar. Brasileiro é assim mesmo. Tá cheio de Universidade.
40.000 professoras no Paraná fazem greve por aumento de salário (IRÔNICO) Professoras faznedo greve... Isso é coisa de gatinha, de operário... (CONTINUA)

(CONTINUAÇÃO)

11

123 mendigos foram mortos pela polícia do Lacerda - vai ter que dar um duro o ano todo - ainda faltam 17.000 (só na GB) 100.000 universitários brasileiros fazem greve pela reforma universitária. (PÁRA, MATUTANDO) Universitários!? Greve!? Ah, foram vocês... Tchau mesmo, agitadores... (SAI NA CORRIDA)

BEDEL - Arquitetura, arquitetura,
Todo homem precisa de um teto.
Se existe alguém na abertura,
Vivendo onde ninguém atura,
Algo lá que não está correto.

PROF. - Nos três últimos anos temos feito um estudo até certo ponto aprofundado da coluna jônica. Pena que o curso só tenha cinco anos. Para se absorver o significado íntimo dessa coluna, é preciso uma vida, uma eternidade. Às vezes chego a pensar: a humanidade existe para conter a coluna jônica... Sei que é frescura, mas que posso fazer? Vamos agora aos detalhes dessa maravilha. (TIRA DE SOB O BRAÇO UM GRANDE DESENHO DE CAPITAL DE COLUNA JÔNICA, MOSTRANDO-O). Temos visto na cadeira de "colunística analítica e penetrada" a importância do estudo minucioso dos capitéis. Uma coluna sem capitel é como... um casal de amantes sem cama. Vamos, nos dois anos que nos restam, surpreender os aspectos, os aspectos mais sutis da referida parte da magna coluna. Vejamos esse, por exemplo. (OUTRO DESENHO. MOSTRA AOS ALUNOS. É O DESENHO DE UMA FAVELA. TROUXE ENGANADO. OS ALUNOS MURMURAM, O PROFESSOR FICA ESTUPEFACTO)

ALUNOS - Que é isso, professor? É arquitetura? É casa de pombo? É tiro ao alvo? É quebra-cabeça? É Picasso?

PROF. - (NERVOSINHO) Isso é tanto objeto de arquitetura quanto um cachorro sarnento o seria de medicina. Bem, satisficamos a curiosidade juvenil: trata-se de uma favela, habitação popular que não sofre a mínima interferência dos arquitetos, adquirindo assim esse ar rude e desagradável. Isso está fora do âmbito de nossa profissão, porque tanto as casas como a disposição delas é planejada e realizada unicamente pelos habitantes do morro, mais comumente conhecidos como favelados, gentinha, ralé, escória, bundas-sujas. Como vêem, eles mesmos dão conta do recado, logo não vale a pena perdernos tempo com isso. Voltamos ao nosso capitel jônico.

(DO FUNDO DO PALCO SE APROXIMAM DUAS PESSOAS: O ARQUITETO E O RECENTE-FORMADO ARQUITETO)

SUJEITO - Muito bom o seu projeto, meu filho, muito bom. Falta só detalhar.

ESTUD. - Bem... (MOSTRA) Aqui a gente põe a privada, aqui o bidê...

SUJEITO - Que é isso? Isso é planta do banheiro?

ESTUD. - É.

SUJEITO - Não é da casa toda.

ESTUD. - Não.

21

72007

SUJEITO- Mas quô é isso!? Que loucura é essa? Você pensa que casa é campo de futebol?

ESTUD. - São as medidas mínimas para tornar a casa habitável...

SUJEITO- Não, meu filho... Vamos mudar isso. Estou jogando um dinheirão nessa construção de casas populares, nessa joça, e isso não me interessa nem um pouco... Tenho família, tenho dívida no banco, tenho que pensar na minha velhice... Tem concorrente que arranja empréstimo não sei como no Banco do Brasil. Vamos mudar isso...

ESTUD. - Mas é contra os princípios...

SUJEITO- Os princípios que vão pro belalôu...

ESTUD. - Então não aceito...

SUJEITO- Então pode ir embora. (ESTUD. DÁ ALGUNS PASSOS, PARA, VOLTA)

ESTUD. - Quais são as modificações?

SUJEITO- Isso, meu filho, isso. Olha. Aqui põe uma cana, aqui embaixo da cana mete o pinico, e nesse canto põe o fogareiro. Cana, pinico e fogareiro... Tá legal ou não?

ESTUD. - Está.

SUJEITO- Assina aí. (ESTUD. ASSINA) Isso, meu filho; Olha, outra coisa: dois metros de altura para o teto é demais. Vamos pôr 50 cm.

ESTUD. - Mas daí ninguém fica de pé na casa...

SUJEITO- E casa é lugar para ficar de pé, meu filho? Em pé quem fica é árvore, é guarda-noturno... Anda agachado um pouco: engorda e perverte, tira a barriga... saudável. Assina aí, meu filho, vai. (ASSINA, ISSO, MEU FILHO, BONITO PROJETO. (SAEM OS DOIS))

BEDEL - História, História,
Vida amarga do homem.
Onde sempre muitos trabalham,
E tão poucos, tão pouquitos comem.

PROF. - As oito e dezessete da manhã de 6 de setembro, D. Pedro... acordou. Botou sua cueca verde. Já controvérsias a esse respeito: muitos dizem que ele botou sua cueca azul. Muitos chegam a afirmar que D. Pedro não usava cueca. Prefiro a cueca verde, seguindo a linha adotada pelos historiadores mineiros, pernambucanos e brasileiros em geral. Foneu chá com limão. Chá de erva-de-bicho. Anoten bem esse ponto. Sem chá de erva-de-bicho D. Pedro proclamaria a Independência? Somos independentes por causa do chá-de-erva-de-bicho? Pena que D. Pedro não nos possa responder. Quando estive com ele não tocamos nesse assunto por demais íntimo... De minha parte, prefiro uma posição moderada: talvez sim, talvez não. As nove e dezessete, D. Pedro deu o seu primeiro arrôto. José Bonifácio teria de esclarecer ao ouvir o arrôto: "Ih, aí vem coisa!". Repito: "Ih, aí vem coisa!". Perdão: "Ih, TEMOS coisa". Isso. Não se sabe se ele se referia a um furúnculo que lhe estalava nas nádegas, ou se comentava a situação política brasileira. De qualquer forma, podemos afirmar, com absoluta convicção, que a causa fundamental da proclamação

21 7 2007

13.
nção do Independência do Brasil é o fato notório de que o Brasil
nãe era independente. (PROFESSOR FICA ISMÁTICO, DEDELL ENTRA E L2)

BEDEL

- Mas não era bem assim. Industriais europeus estavam interessados em nossa independência, pois estavam cedendo de sai da chamada "Revolução Industrial", e tinham necessidade de aumentar seus mercados. É o mercado brasileiro pertencia somente a sua metrópole: Portugal. Também interessava a independência à classe de proprietários de terra, pois colocariam seus produtos no país que achavam ser o melhor, e não somente em Portugal, como eram obrigados a fazer em

PROP.

- (CONTINUANDO NORMAMENTE) Depois veio a celebríssima Proclamação da República, pelo marechal Deodoro. Ele foi do meu tempo. Fizeram muitas farras juntos. Mas continuando... o marechal Deodoro, era um homem de incalculável bravura. Portanto, revoltado com tudo que acontecia, com as injustiças sociais, na manhã de 15 de novembro de 1889... (PROFESSOR VOLTAA A SEU BANCO)

BEDEL

- Também não foi essa história de carocinha... Foi justamente por aquela época que começaram a ser aplicados no Brasil os princípios capitalais, em maior volume, na indústria e aumento do comércio. Para que esses investimentos pudessem progredir, era necessário que representantes dessas novas classes estivessem no poder. E isso só poderia ser conseguido com a completa reformulação dos quadros políticos, e não com simples eleições. Por isso foi feita a República. A classe de proprietários de terra foi diminuída de poder, e a ele subiram representantes dessa nova classe econômica.

CORO

- (MÚSICA DA "CERUIDA")
A História que estudamos
É uma História complicada,
Cheia de datas e nomes
E a gente não aprende nada.

BEDEL

- Direito, Direito;
Premiar o bom, punir o mau.
Só que é o mau que faz a lei.
Só que é o mau que é rei.
O bom, que se vira, Termina.

PROP.

- A Introdução à Ciência do Direito é a matéria que estuda tudo aquilo que é introduzível ao Direito: (RISOS) Não, não é bem isso... Para a... Deixa eu ver... É sim... Perceba, agora eu não sei ao certo... Direito... É essa bagunça que tem ver a... Como se pode definir... Sim, agora me lembro... É a matéria... Ora, que Jesus não é que a estaca do novo! (MAIS RISOS) Para que saber... Bem, com uma turma como essa de vocês, não dá pra... Ah, lembrei: Direito é o que dá pé...

BEDEL

- Engenharia Engenharia;
Seu você o mundo perceba.
Engenharia, Engenharia;
O progresso caminha na mão.
Não larga o homem, não.
Engenharia, Engenharia;
Dêix' do professor outra guerra;
Tens' mais na nossa terra.

24 7 2007

PROF. - O carvão inglês... Sem dúvida é o carvão inglês o ideal para ser usado em nossos altos-fornos... O carvão inglês...

ALUNO - Mas, professor, foram os próprios técnicos ingleses que afirmaram que o carvão das minas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul eram os melhores que existiam na face da terra para o preparo do aço #in fino. Eu não compreendo por que...

PROF. - (ENERGICO) Sua opinião teria sentido quando muito em tese, e olhe lá. Estou falando do carvão INGLÊS: um carvão austero, nobre, sóbrio, fleugmático, um carvão real. Estou falando, jovem, do carvão que corre nas bacacas do Tâmisa, em frente ao Big-ben, no coração da velha London. Não estou falando de Parapaguá, rua XV, Passeio Público, ou qualquer vilarejo do norte do Paraná. Trata-se da austeridade britânica numa dimensão carbonífera. Estou falando da pátria (NUM CRESCENDO) de Shakespeare, Nelson, da Rainha Vitória, de Churchill. Estou falando da Inglaterra, jovem. Porque a Inglaterra é uma leoa. A Inglaterra é implacável. Que venha Napoleão. Ninguém pisará nosso território. Os alemães. Ah, que venha Hitler e sua corja. Aqui há ingleses, não brasileiros. Estou falando da Inglaterra, jovens. De pé, de pé pela Rainha.
(GRITANDO) GOOD SAVE THE QUEEN

ALUNOS - (EM CORO) GOOD SAVE THE QUEEN.

PROF. - TO BE, OR NOT TO BE?

ALUNOS - TO BE, TO BE, TO BE E NÃO TUTU.
TO BE, TO BE, TO BE E NÃO TUTU.

BEDEL - Medicina, medicina,
Você, que descobriu tanta vacina,
Que inventou a penicilina,
Agora, medicina,
Só pensa em retocar cara de menina,
Dar receita de como se come.
Ah, medicina,
Está na hora de curar a fome.

PROF. - (O COMPRENSIVO, MODERNO, LEGAL E MODESTO) Bom, eu acho que nesses seis anos de estudo nós conseguimos atingir um alto padrão de técnica. Vocês são agora aquilo que se chama de "um técnico altamente especializado". Tudo que eu aprendi de hematologia nos EUA e na Europa, acho que consegui transmitir a vocês. Nós bem sabemos como é esse nosso Brasil... Precisa de técnicos. A gente vê tanta coisa. Por exemplo - são dados oficiais - gastou-se oitenta milhões de cruzeiros com propaganda, e apenas oito milhões para equipar o Hospital do Câncer. (RISOS SUPERIORES) São coisas do nosso Brasil... Ou então essa coisa de aumentar o número de vagas na Faculdade de Medicina, e não aumentar um tostão do orçamento. Bem, desculpen o falatório... Afinal, eu estou parecendo um desses catedráticos arcaicos, não é? Antiquados! Que a gente costuma ver por aí... (SORRINDO INTELIGENTÃO) Mas de qualquer forma, mais um mês e vocês serão médicos formados, especialistas, excelentes especialistas em hematologia...

ALUNO - Professor, eu queria dizer do prazer que tive em ser seu aluno, e do orgulho mesmo que tenho disso...

21 7 2007